



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ONTEM-HOJE.

CASTRO, Domingos Leite de

Ano: 1907 | Número: 24

Como citar este documento:

CASTRO, Domingos Leite de, Ontem-hoje. *Revista de Guimarães*, 24 (2) Abr.-Jun. 1907, p. 49-52.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

HONTEM — HOJE

À Sociedade Martins Sarmiento

Instado para comparecer este anno á festa annual da Sociedade Martins Sarmiento, fui. Recobi ahi entre eloquentes pbrases e cariciosos louvores o meu diploma de socio honorario, e João Meira pagou-me então com um abraço os beijos que lhe dei em creança. Recebi e não agradeçi. A assembleia illustrada e distincta, que sempre foi a assembleia geral da Sociedade Martins Sarmiento, desculpará talvez a quem nunca cultivou a oratoria e sente agora, vinte e cinco annos volvidos, extrema difficuldade em dominar os seus nervos, uma falta que deseja reparar por esta fórma.

Fui e compareçi. A pequena sociedade de cinco homens, que no seu inicio, cabia á volta da mesa de escriptorio de Avelino da Silva, cresceu por agglomeração até incluir tudo o que Guimarães conta de superior, e ella que nascera tão pobre que nada tinha, possui agora palacios que são monumentos, e *quintas* que tambem o são.

A fortaleza está concluida. Eu digo a fortaleza; porque n'esse tempo em que, na nossa terra, o partido regenerador, entranhadamente conservador, com todos os defeitos das forças novas, duras e impantes, andava acabando de firmar o seu dominio; em que o partido progressista, a que pertenci, apesar de progressista, não tinha ideias nem as queria ter, eu concebia o que andava nos construindo como a fortaleza das ideias e das aspirações novas e generosas, como a fortaleza da democracia, infante e debil, anciosa de saber e dedicar-se.

Em frente do velho castello feudal, a que o homem do burgo e da plebe se acolhia nos tempos bellicosos de Affonso, no tempo do grande rei, eu via a nova torre da esperança e do direito abrindo as suas portas a todos que injustamente soffressem, sob o escudo protector de Francisco Sarmento, a mais subtil intelligencia, o mais rico talento e sobretudo o caracter mais ingenuamente honrado, que tenho encontrado.

E não pareça pretencioso o paralelo. Eu não conheço senão dois grandes homens a que a minha terra desse o berço. Do velho castello, que domina Guimarães, Affonso Henriques, empunhado o montante glorioso, desceu, riscando no solo da peninsula, o retalho da nossa patria; Sarmento, do acervo inextricavel de velhos e contradictorios documentos, de montes de cacos e pedras em que elle lia como em livro aberto, extrahi a carta de legitimidade da nossa raça. Por isso, se, ha oito seculos, nós pobres burguezes, receiando o invasor do nosso lar, nos acolheriamos ás muralhas do grande rei, oito seculos depois, seria o grande rei e a sua côrte, que viriam no dia da nossa festa acolher-se ao nosso salão nobre. E talvez então, em reconhecimento dos seus antigos serviços, nós pediríamos ao sr. Mario... que os ensinasse a lêr.

Os velhos obreiros lançaram os alicerces humildes e pobres, não reles, como dizia o outro (não havia então d'isso) mas solidos talvez. Aquelles, que lhes succederam, ergueram o soberbo edificio até á cupula, em plena idade de gloria e triumpho. Acalmadas as paixões entre nós, chamadas a influir nos destinos patrios todas as energias sãs, todas as capacidades poderosas, abre-se um periodo em que um socio honorario d'esta casa domina a futura historia, e com elle as nossas aspirações mais puras. E, bom signal, não repugna recordar os predecessores, não de ideia mas de facto. Tudo parece concorrer assim a facilitar o caminho aos que vierem em seguida. Pois muito bem. É a esses, aos obreiros do futuro, que eu agora me dirigirei.

Que elles lancem os seus olhos compassivos para as classes ruraes. Não as ha mais dignas da sua attenção. Não pôde haver estado d'alma mais interessante do que o d'essa pobre classe, inconscientemente anciosa por saber e ao mesmo tempo receiosa de aprender, tão receiosa de que lhe toquem no seu peculio de experiencia feito.

Na fundação da Sociedade Martins Sarmento, eu, e creio que tambem os meus quatro companheiros, fomos levados, mais pela comprehensão theorica das vantagens da instrucção

geral e technica, do que por um conhecimento profundo e experimental d'essa necessidade. Hoje uma convivencia mais intima com essa classe tem-me feito comprehender melhor o aspecto real das coisas.

A questão não é só de ignorancia, é tambem uma grave questão economica e de amor proprio. Isto complica todo o problema do progresso rural. A classe rural tem um corpo de doutrina, de noções tradicionaes, tão estreitamente ligadas, que o tocar-lhe n'um ponto provoca a demolição de todo o edificio. Aprender é desaprender e desaprender sem aprender bem na lavoura é a ruina immediata. Não lhe tocará pois. Presentemente qualquer tentativa isolada é quasi uma macula, uma coisa estranha, o estrangeiro, o inglez. Não perverte nem converte; não se alcança, põe-se de lado. Junte-se a isto o amor proprio da classe, o respeito pela opinião do visinho; junte-se-lhe o amor proprio do individuo, que não o deixa capacitar-se de que possa saber mais do que elle da sua terra quem nunca a lavrou e nunca a semeou. E quantas vezes elle terá razão! Sim, é justo accrescentar-se que os homens illustrados de outras classes estão na sua maior parte bem longe de avaliar a complexidade do seu plano, o segredo da sua arte, as difficuldades que o lavrador vence inconscientemente, trabalhando e rindo. Seria, por exemplo, muito curioso e util para o lavrador e principalmente para o proprietario do Minho, se este gosta de intervir na cultura da sua terra, o inventario dos diversos processos em cada um dos centros culturaes da provincia, qualquer coisa como fez Schwerz para os afolhamentos do norte da Europa, feito com consciencia e critica; mas, que eu saiba, não ha nada. Isso abriria os olhos a muita gente cega, que o não devia ser, e, assim como o professor de instrucção elemental, revolvendo os cerebros juvenis da classe rural, os habilitará á adopção de processos novos, um estudo tecnico mais profundo habilitaria o proprietario a saber escolher, combinar e dirigir, sem prejuizo, que é a pedra de toque dos systemas, approximando as duas classes e assim preparando o progresso e fomentando a riqueza.

Mas, não é porventura a classe rural refractaria á instrucção? Não, não é. Posso dar d'isso uma prova modesta mas eloquente.

Habituei-me de ha muito, aqui na minha aldeia, a exigir dos meus creados, todos da classe rural, uns assentos elementares de pequenos casos de administração, que lhes eram

incumbidos. Este estímulo foi sufficiente. Hoje negoceiam, uns no Brazil, outros por cá. Bem sei o que me vão dizer. Crearam-se negociantes, não lavradores. Não é absolutamente verdade. Os lavradores vieram depois.

Eis o caso mais recente. Por necessidade de occupar o espirito, desorientado com o esphacelamento do meu meio e de antigos habitos, tomei conta da cultura de uma pequena quinta. Tenho por isso uma meia duzia de creados de lavoura. Dois sabem lêr e escrever, os outros não. Ha pouco ainda soube que tinha uma escóla em casa. Arranjaram uma mesa, um candieiro portatil de acetylene, os petrechos necessarios e, depois de ceia, nas longas noites de inverno, um que sabe lêr ensinava os outros. Peguei n'uma collecção do *Lavrador* e dei-lh'a. Não fiz mais nada.

Se eu me deixasse dominar pelo prazer de conversar em assumptos d'estes com os meus amabilissimos successores na Sociedade Martins Sarmento, continuaria ainda por muito tempo a encher folhas de papel. É preciso terminar.

Quando os cinco iniciadores da Sociedade Martins Sarmento crearam nos seus estatutos a classe distincta de — Socios honorarios — não foi para nós que a creamos. Eu, pela minha parte, confesso que não mereço a distincção; quiz apenas, com os meus collegas, honrar um caracter que o merecia, servindo a minha terra. Servi-a como pude e emquanto pude com o mais entranhado affecto, nas occasiões que tive para o fazer. Se mais não fiz, n'esse tempo de fé e de energia, que a velhice foi todos os dias reduzindo, como se desfolha uma flôr, petala a petala, foi porque mais occasião não tive para isso.

E agora não me resta senão agradecer á digna direcção da Sociedade Martins Sarmento e á sua distincta assembleia geral, o diploma com que me honraram.

Cramarinhos, 17 de março de 1907.

DOMINGOS LEITE DE CASTRO.